



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS - CHSA
CURSO DE JORNALISMO

**A VIDA ALÉM DA PAISAGEM: UM DOCUMENTÁRIO
SOBRE HISTÓRIAS DO MORRO GAÚCHO**

Roberta Stefani Halmenschlager

Lajeado, julho de 2023

Roberta Stefani Halmenschlager

A VIDA ALÉM DA PAISAGEM: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE HISTÓRIAS DO MORRO GAÚCHO

Monografia apresentada no componente Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharela Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Marcus Vinícius Staudt

Lajeado, julho de 2023

Roberta Stefani Halmenschlager

**A VIDA ALÉM DA PAISAGEM: UM DOCUMENTÁRIO
SOBRE HISTÓRIAS DO MORRO GAÚCHO**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada no componente curricular Trabalha de Conclusão de Curso II, do Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo:

Prof. Me. Marcus Vinícius Staudt - orientador
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Prof. Dra. Renata Lohmann
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Tiago Wiethölter
Jornalista egresso da Universidade do Vale
do Taquari - Univates

Lajeado/RS, 07 de julho de 2023

AGRADECIMENTOS

Faço parte da primeira geração da minha família que teve a oportunidade de cursar uma graduação. Finalizar esse ciclo é uma homenagem a todos os que vieram antes de mim e sonharam com esse momento. Não poderia deixar de agradecer por cada um que me incentivou, direta ou indiretamente nessa jornada.

Pensando em nomes para agradecer, o segundo nome que me vem à mente, é o meu pai, Ildomar, que partiu em 2010 e deixou em seu legado a ânsia por conhecimento, o orgulho de suas raízes e a curiosidade por ouvir histórias. Características que herdei e que, com muita alegria, utilizei em meu trabalho de conclusão de curso. Não chegaria até aqui se não fosse por ele e tenho certeza de que ele estaria orgulhoso de ver o Morro Gaúcho, palco de suas aventuras na infância, se tornar tema da minha pesquisa.

Outra pessoa importante que sempre me incentivou e não poderá viver comigo esse momento é o meu dindo, Luiz Alberto, que nos deixou em 2021. Eu fui o amor da vida dele e não tenho palavras para agradecer, nem preciso. Nada deixou de ser dito ou vivido e, assim como meu pai, ele sempre estará presente nas minhas melhores lembranças e no coração.

Trabalhei, basicamente, a graduação inteira de Jornalismo na área da redação publicitária, talvez esse seja o motivo para o primeiro rosto que surge na minha mente quando penso em agradecer, aparecer só agora: minha mãe, Ivani. Dona de uma determinação imensa, é por ela que estou aqui, finalizando esse ciclo. Pensei inúmeras vezes em desistir, cheguei a trancar o curso em 2021, mas voltei e

voltei determinada a terminar, por ela. Ela que sempre sonhou com isso e que sabe que a Roberta criança e adolescente também. Ela que em nenhum momento deixou de acreditar no meu potencial, mil vezes obrigada, mamis.

Minha irmã não é apenas minha incentivadora, ela é inspiração. A Raiza dá razão para toda minha emoção, é meu porto seguro, conselheira e melhor amiga. Muito obrigada por não desistir de mim em nenhum momento, maninha.

A gratidão pela família que tenho é imensa, mas sobra espaço - e muito - para agradecer a todos meus colegas e professores que me acompanharam durante a graduação. Cada um, com suas inúmeras peculiaridades, me ensinou e deixou algo de si comigo, meu eterno obrigado a todos. Quero agradecer, em especial, ao meu orientador, o professor e mestre Marcus Vinícius Staudt, que me acompanhou em dois semestres, sempre empolgado, com ideias fantásticas e vendo um potencial em mim que, muitas vezes, esqueço.

Meu agradecimento também se estende para todos os entrevistados que aceitaram participar desta pesquisa e que confiaram a mim suas histórias de infância e de vida. Sem vocês, nada disso seria possível. Também quero agradecer ao Morro Gaúcho, que sempre esteve ali, em frente a casa em que cresci, vendo minha vida inteira passar e que agora é protagonista de um capítulo importante da minha trajetória profissional, o trabalho de conclusão de curso.

Por fim, deixo registrado toda minha gratidão ao meu parceiro e companheiro de vida, Felipe. Ele que esteve presente em todas as captações, registrando os detalhes dos bastidores e mais do que isso, presente para me aconselhar, incentivar e acolher em todos os outros dias.

“Eu cresci vendo o morro, não tinha outra imagem. Eu não sei se ele que me viu crescendo ou eu que vi ele.”

(Tania Hilgert - fonte do documentário” A vida além da paisagem”).

RESUMO

O Morro Gaúcho é classificado como uma elevação basáltica proeminente, situada ao norte do Município de Arroio do Meio, no Vale do Taquari, interior do Rio Grande do Sul. O local é um cartão postal do Vale, procurado para atividades de lazer e prática de esportes. Um fato de destaque em relação a essa atração turística, é a falta de informações. Não existem registros históricos, documentos oficiais ou informais sobre as histórias do Morro Gaúcho. Diante deste universo, essa pesquisa teve como objetivo produzir um audiovisual, em linguagem documental, a partir de narrativas contadas por moradores, com histórias reais e informações sobre o Morro Gaúcho. A pesquisa qualitativa utilizou a linguagem audiovisual para registrar histórias e lendas do local. Além disso, apresentou um diário da produção e captação, fundamentação teórica sobre o Jornalismo, linguagem audiovisual, documentário, produção *mobile* e plataformas digitais. Com base nesta pesquisa, concluiu-se que havia uma grande necessidade de documentar as histórias do Morro Gaúcho, passadas de geração em geração, para que não fossem esquecidas com o passar do tempo.

Palavras-chave: Jornalismo. Audiovisual. Documentário. Histórias. Morro Gaúcho.

ABSTRACT

Morro Gaúcho is classified as a prominent basaltic elevation, located in the north of the city of Arroio do Meio, in the Vale do Taquari, interior of Rio Grande do Sul. It is a post card location of the Valley, sought after for leisure and the practice of sports. An important fact regarding this tourist attraction is the lack of information. There are no historical registrations, official or unofficial documents on the history of Morro Gaúcho. Due to this, this study had as an objective an audiovisual production, in audiovisual language, from the narratives told by locals, with real stories and information on Morro Gaúcho. The qualitative study used audiovisual language to register stories and legends of the place. Furthermore, it presented a production and captation diary, theoretical foundation on Journalism, audiovisual language, a documentary, mobile production and digital platforms. Based on this study, it was concluded that there was a big need to document the stories of Morro Gaúcho, passed on from generation to generation, so that they aren't forgotten with the passing of time.

Keywords: Journalism. Audiovisual. Documentary. Stories. Morro Gaúcho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevistada durante a captação	37
Figura 2 - Pesquisadora filmando a entrevistada em sua casa.....	37
Figura 3 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação	39
Figura 4 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação	39
Figura 5 - Entrevistado durante a captação em sua sala de estar	41
Figura 6 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação	41
Figura 7 - Pesquisadora e entrevistados durante a captação	43
Figura 8 - Entrevistados durante a captação.....	43
Figura 9 - Pesquisadora fazendo captação durante a trilha no Morro Gaúcho	46
Figura 10 - Pesquisadora, seu namorado e os participantes da trilha	46
Figura 11 - Pesquisadora e seu namorado na pedreira do Morro Gaúcho.....	47
Figura 12 - Da direita para a esquerda: a pesquisadora, seu cunhado, irmã, mãe e namorado.....	48
Figura 13 - Captação do pôr do sol no Morro Gaúcho.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	13
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2 Objetivos específicos	14
1.2 Justificativa.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Jornalismo.....	16
2.2 Produção audiovisual.....	19
2.3 Documentário	23
2.4 Produção <i>mobile</i> e Plataformas Digitais.....	25
3 METODOLOGIA	28
3.1 Roteiro	30
3.1.1 Argumento	31
3.1.2 Sistematização - pré-roteiro.....	31
4 DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	35
4.1 Relato da produção.....	35
4.1.1 1ª Captação - 25/03.....	35
4.1.2 2ª Captação - 26/03.....	38
4.1.3 3ª Captação - 02/04.....	40
4.1.4 4ª Captação - 15/04.....	42
4.1.5 5ª Captação - 16/04.....	44
4.1.6 6ª Captação - 04/06.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	56
APÊNDICE A - Documentário.....	57
APÊNDICE B - Perguntas balizadoras das entrevistas	58

ANEXOS.....	59
ANEXO A - Autorização de uso de imagem para a entrevista.....	60

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa relata o processo de produção, criação, planejamento e execução do documentário “A vida além da paisagem: um documentário sobre a histórias do Morro Gaúcho”, que busca dar voz ao povo que vive nos arredores da principal atração turística da cidade de Arroio do Meio/RS. Esse audiovisual é um registro de quem vive no local e transmite histórias de geração para geração.

É importante entender que o Morro Gaúcho é classificado como uma elevação basáltica proeminente, que está situada ao norte do Município de Arroio do Meio, no Vale do Taquari, interior do Rio Grande do Sul. No topo do morro, que possui 559 metros, é possível avistar as cidades de Roca Sales, Colinas, Lajeado e também o Rio Taquari. O local é um cartão postal do Vale, procurado para atividades de lazer e prática de esportes como *trekking*¹, ciclismo e *paraglider*². E segundo o site da Prefeitura de Arroio do Meio³, parte do Morro Gaúcho é considerada Área de Preservação Permanente (APP).

Dito isso, um fato de destaque em relação a essa atração turística, é a falta de informações. Não existem registros históricos, documentos oficiais ou informais sobre as histórias do Morro Gaúcho. Ao fazer uma breve busca no *Google*, é possível encontrar apenas algumas matérias de jornais locais, trechos com os dados compartilhados no site da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio ou então fotos feitas por turistas e admiradores da paisagem.

¹ Caminhada realizada através de trilhas naturais.

² Modalidade de voo livre que pode ser praticado tanto para recreação quanto para competição, sendo considerado um esporte radical.

³ <https://arroidomeio.rs.gov.br/>

Sendo assim, os relatos coletados para este audiovisual integram o processo documental, que traz narrações e registros autorais sobre as histórias do Morro Gaúcho antes que se percam no tempo. Segundo Nichols (2020), documentários retratam pessoas reais, que representam a si mesmas, contam suas experiências e histórias em uma comunicação direta com a câmera. Sob essa perspectiva, o audiovisual “A vida além da paisagem: um documentário sobre histórias do Morro Gaúcho” é uma produção com protagonistas da vida real, que contam momentos que viveram e que ouviram de seus pais, avós e tataravós.

Para apresentar e desenvolver a fundamentação teórica desta monografia, com temáticas ligadas ao audiovisual em linguagem documental, buscou-se conceitos, ideias e reflexões de autores como: Nichols (2020), Santos (2013), Gerbase (2012), Bahia (2009), Alves (2008) e Karam (2004). O primeiro tópico da pesquisa aborda a história do Jornalismo, que Alves (2008) afirma ser o primeiro meio de comunicação formal do ser humano. Aqui será contextualizada a natureza do fazer jornalístico, sua função social e as transformações que a tecnologia trouxe. Bahia (2009) afirma que o jornal moderno é resultado de grandes transformações na imprensa, na sociedade e na história, tornando-se parte de uma cultura de massa. Veremos toda essa caminhada do Jornalismo neste tópico.

O subcapítulo seguinte busca explicar a produção audiovisual, que Santos (2013) considera o produto mais importante da indústria cultural no Brasil. As origens do cinema e da televisão também são descritas neste tópico, além das características e inovações tecnológicas em torno do audiovisual.

Já o estudo do audiovisual é importante para entender sua importância como forma de se comunicar em sociedade já que as imagens, como explica Alves (2008), foram usadas como um meio de comunicação desde os desenhos nas cavernas, representando as ideias e sentimentos das pessoas. A linguagem documental é apresentada no próximo tópico, além de seus diferenciais e importância para historicizar narrativas. O documentário carrega a ideia de a realidade na tela, retratando a vida como ela é: pessoas reais, que representam a si mesmas, contam suas experiências e histórias em uma comunicação direta com a câmera, afirma Nichols (2020).

Em seguida, as plataformas digitais e a produção *mobile*⁴ serão apresentadas. Segundo Santos (2013) às novas plataformas visuais dão oportunidade para as pessoas fazerem sua programação própria, consumindo apenas conteúdos de seu interesse. Veremos como a era digital impactou e ainda impacta na produção de audiovisuais, bem como na sua edição, veiculação e consumo.

O trabalho apresenta ainda a metodologia utilizada para a produção de um audiovisual em linguagem documental, argumentando sua escolha e caminhos, além de relatar seu pré-roteiro e roteiro. Posteriormente, o processo denominado, diário de produção, será descrito também.

Partindo destas percepções cabe o seguinte problema a ser desenvolvido ao longo desta pesquisa: como registrar as histórias do Morro Gaúcho, uma importante área turística do Vale do Taquari, que estão guardadas somente na memória de moradores locais?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Produzir um audiovisual, em linguagem documental, a partir de narrativas contadas por moradores, com histórias reais e informações sobre o Morro Gaúcho, localizado no município de Arroio do Meio/RS.

⁴ Do inglês *mobile*, telemóvel, pelo latim *mobile*- móvel

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Investigar, através de autores clássicos e recentes, o Jornalismo, a produção audiovisual e a linguagem documental;
- b) Relatar o processo de produção audiovisual, através de plataformas *mobile*;
- c) Historicizar fatos e informações sobre a região do Morro Gaúcho.

1.2 Justificativa

A oportunidade de ouvir e contar histórias foi o que me fez escolher o Jornalismo como formação. Durante a graduação, a curiosidade e admiração pelo audiovisual me motivaram a optar por esse formato para narrar histórias do Morro Gaúcho. E pesquisar sobre a produção de documentários audiovisuais, através de plataformas *mobile*, possibilita um aprofundamento e aprendizado ainda maior na área.

Profissionalmente, a produção de um audiovisual será desafiadora e engrandecedora. Acredito que, como futura jornalista, esse trabalho é um estímulo para, posteriormente, seguir nessa área, documentando histórias, fatos e informações da região.

Pessoalmente, sempre me interessei sobre os mistérios, contos e lendas do Morro Gaúcho, localizado em Arroio do Meio, um pequeno município do Rio Grande do Sul, com cerca de 20 mil habitantes, onde nasci e cresci. Essas narrativas, foram passadas de geração para geração, mas a ausência de registros está, naturalmente, fazendo com que sejam esquecidas com o passar do tempo.

O Morro Gaúcho é um local que vem se desenvolvendo turisticamente no município, mas sua história não é conhecida pela comunidade. Documentá-las, por meio de um audiovisual, fará com que elas não se percam. Pelo contrário, trará vida

e visibilidade para cada uma delas. Garantindo assim, que gerações atuais e futuras conheçam, se encantem e preservem o Morro Gaúcho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta o surgimento do Jornalismo e seus conceitos. Também aborda e contextualiza a produção audiovisual em linguagem documental, bem como as plataformas digitais e a produção *mobile*. Nichols (2020), Montañó (2015), Santos (2013), Gerbase (2012), Bahia (2009) e Karam (2004) são alguns autores consultados para esta fundamentação.

2.1 Jornalismo

Uma das maiores conquistas do ser humano ao longo do tempo foi descobrir diferentes formas de se comunicar e transmitir conhecimento. Segundo Alves (2008, p. 22), “o jornal foi o primeiro meio de comunicação formal”. A autora também afirma que desde os tempos mais remotos, desenhando nas cavernas, até hoje, o homem vem aprimorando as formas e meios de comunicação.

A primeira forma organizada de comunicação humana foi a linguagem oral, que apresenta limitações, com a impossibilidade de permanência e de alcance. Para superar a impossibilidade de permanência, o homem utilizou primeiramente os desenhos e, mais tarde, a escrita, a qual, principalmente depois da invenção do papel e dos tipos móveis de imprensa pelos chineses, solucionou definitivamente o problema do alcance (ALVES, 2008, p. 290).

Antes de discorrer sobre a história do Jornalismo, iremos aprofundar sua natureza. Para Pena (2005), a natureza do Jornalismo é o medo. “O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja,

conhecer”, afirma o autor. Contudo, Bahia (2009) assegura que o Jornalismo é uma forma de arte, é técnica e é ciência. O autor ainda ressalta que podemos chamar de Jornalismo todos os meios pelos quais a notícia passa e chega ao público, sendo um intermediário da sociedade. Segundo ele, a palavra jornalismo significa “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez...”.

Os primeiros jornais circularam no ano de 1609, em centros comerciais burgueses, e os profissionais por trás deles eram conhecidos como publicistas, pois escreviam apenas fatos de interesse comercial e político, relata Lage (2005). De acordo com o autor, foi a partir do século XIX, na Europa, que a forma como se exercia o jornalismo mudou radicalmente. Nesta época, se descobriu a importância dos anúncios, dos furos de reportagem, das notícias em primeira mão. “Foi então que nasceram a reportagem e seu instrumento, o repórter”, escreve Lage (2005, p. 15).

O autor também explica que o repórter tem um papel crucial, é autorizado a ser os olhos e ouvidos do leitor, já que está onde ele não pode estar. É ele quem deve selecionar fatos e versões que orientem o público diante da realidade. E todo esse privilégio, segundo Bahia (2009), tem seus deveres. Todos os meios de comunicação devem servir à sociedade, ser independentes, prezar pela veracidade, objetividade, honestidade, imparcialidade, exatidão e credibilidade.

Foi também no século XIX, mais precisamente em 10 de setembro de 1808, que a imprensa brasileira teve seu início oficialmente. Segundo Alves (2008), o primeiro jornal oficial, a Gazeta do Rio de Janeiro, trazia notícias sobre a Europa e sobre a Corte de D. João VI, que chegou ao Brasil naquele ano. Mas antes disso, em junho de 1808, o Correio Braziliense circulou pelo país de forma clandestina - era um jornal fundado e escrito por Hipólito da Costa enquanto estava no exílio, em Londres, e atacava o modelo imperial implantado. Alves (2008) escreve que o Correio Braziliense incentivou o surgimento de diversas publicações neste estilo.

A partir da II Guerra Mundial, ocorrem mudanças coletivas na comunicação mundial, com a inserção do *lead*: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? -

uma técnica mais direta e objetiva, que segundo Bahia (2009), é uma forma de resumir e detalhar as informações. Outro marco na história do jornalismo foi a invenção da “pirâmide invertida”, uma estrutura de narrativa que, segundo Pena (2005), prioriza a ordem de importância dos fatos: do mais atraente ao que possui menor apelo.

A profissão do jornalista se consolidou em todo o mundo no século XX, aponta Karam (2004). Alves (2008) concorda e complementa que foram anos imprescindíveis para o desenvolvimento da imprensa. Os meios de comunicação em massa cresceram, surgiram as primeiras empresas jornalísticas e no final desse século, a internet revolucionou a mídia, transformando os jornais impressos em versões *on-line*.

O jornal moderno é parte da cultura de massa, é resultado de grandes transformações na imprensa, na sociedade e na história. Impresso, escrito, falado ou visual, o seu objetivo é informar, interpretar, orientar e divertir. Associa ainda outras funções como vender através de anúncios e difundir ideias e eventos mais complexos que a simples notícia (BAHIA, 2009, p. 29).

Segundo Santos (2013, p. 102) “fazemos parte de um momento histórico em que as tecnologias digitais são realidade plena em todos os segmentos sociais”. Para o autor, toda sociedade “faz parte” porque deixaram de ser receptores passivos dos meios de comunicação, todos são agentes, mudando o processo comunicacional. Mas como tudo, atualmente, acontece de uma maneira muito rápida, Santos (2013) adverte que, muitas vezes, o indivíduo não tem o interesse ou oportunidade de entender os meios de comunicação em sua totalidade.

[...] observamos a passagem da prensa de Gutenberg aos modernos computadores pessoais (*notebooks, ultrabooks tablets, etc*); da telefonia fixa para móvel, portátil e conectada (*smartphones*); do cinema analógico para o digital e 3D; das televisões com imagens preto e branco para as coloridas de altíssima definição e também conectadas (*Smart TVs*), etc (SANTOS, 2013, p. 103).

Com a passagem das mídias analógicas para as digitais, Santos (2013) afirma que cada vez mais, todos os tipos de telas, estão colaborando para a comunicação do cotidiano das pessoas. Alves (2008) concorda e complementa esse raciocínio dizendo que essa transformação faz com que o leitor não só busque pelas

informações e notícias que quer saber, mas também que recuse aqueles que não tem interesse - o que o torna cada vez mais exigente.

Além disso, Martins (2021, p. 81) relaciona as mídias e o jornalismo com a memória da sociedade. Para o autor, “o jornalismo trabalha a memória individual, coletiva ou mesmo midiática de modo cada vez mais estratégico”. E vai além, afirmando que os meios de comunicação não são somente difusores, são também criadores de memórias.

A mídia adquire essa posição de relevância porque as memórias são transmitidas através dela, agindo como o primeiro veículo para transmissão de conhecimento e percepções sobre o passado e o presente. Se a era da comunicação de massa foi a era da memória coletiva, conceitualmente e experimentalmente, hoje se vive em uma época de memória conectada e digital, não apenas coletiva (MARTINS, 2021, p. 81).

Neste cenário, Silva (2015) aborda o jornalismo móvel, em que o consumo e a prática jornalística é feita através de tecnologias móveis como os *smartphones*. Essa é uma característica do século XXI, onde houve uma explosão de tecnologias móveis e sem fio. E para acompanhar essa transformação, Silva (2015) relata que foi preciso uma reconfiguração na produção jornalística, afinal, jornalistas ganharam uma nova rotina de apuração, edição e compartilhamento de conteúdo.

O jornalismo passou por diversas transformações ao longo do tempo. Neste subcapítulo contextualizamos sua história, sua natureza, função social e principalmente as mudanças que a tecnologia trouxe para o fazer jornalístico. No próximo tópico, aborda-se a produção audiovisual, sua importância como meio de comunicação e evolução.

2.2 Produção audiovisual

O tema contextualizado neste subcapítulo é a produção audiovisual, que Santos (2013) considera o produto mais importante da indústria cultural no Brasil. O autor afirma que vídeos sempre fascinaram as pessoas, porque seus conteúdos atuam diretamente nas sensações visuais e auditivas, o que causa emoções e reações únicas.

Alves (2008) concorda e complementa dizendo que imagens sempre foram usadas como um meio de comunicação, representando as ideias e sentimentos das pessoas. Desde os desenhos nas cavernas até a produção de imagens em movimento como o teatro de sombras, que surgiu na China há muitos séculos e era criado por meio da projeção de figuras em paredes ou telas de linho.

A autora ainda destaca a invenção da câmara escura no século XV, que foi o primeiro aparelho com o objetivo de projetar imagens. Alves (2008) escreve que não podemos dar crédito a um único inventor da câmara, mas evidencia Leonardo da Vinci e também Giambattista Della Porta, que aprimorou o aparelho no século XVI.

A história do cinema é outro ponto de destaque quando falamos em produção audiovisual. Os irmãos Lumière foram os inventores do cinema e conforme Gerbase (2012) eram filhos do dono de uma fábrica de filmes fotográficos. Em 1895 os irmãos conseguiram captar e projetar imagens de mais de 11 quadros por segundo.

Nossa retina, que não consegue distinguir imagens que mudam tão rápido e nosso cérebro, que junta essas imagens num fluxo contínuo, iludem nossa consciência e nos fazem “ver” imagens fotográficas paradas como se elas estivessem em movimento. Tecnicamente falando, isso é cinema (GERBASE, 2012, p. 250).

Segundo Alves (2008), um dos irmãos, Louise Lumière acabou se tornando o primeiro cineasta que produziu curtos documentários. A autora conta que, na época, esses documentários tinham em torno de dois minutos, eram filmados ao ar livre e exibiam cenas da vida cotidiana. Com o passar dos anos e a evolução das técnicas, foi “surgindo a ideia de não apenas capturar e transmitir imagens, mas de contar uma história, com personagens e roteiro”, escreve Alves (2008, p. 51).

As tecnologias usadas atualmente para a produção audiovisual “são essencialmente as mesmas desde que cinema, inventado em 1885, ganhou a possibilidade de registrar sons em sincronia com as imagens, o que aconteceu em 1927” afirma Gerbase (2012, p.70). O autor escreve que o cinema teve cinco fases importantes: Pré-cinema (do início do século XVIII até 1885), Cinema mudo (entre 1885 e 1927), Cinema clássico (entre 1927 e 1941), Cinema moderno (entre 1941 e 1982) e Cinema contemporâneo ou pós-moderno (de 1982 até hoje).

O cinema desempenhou um papel social importante como meio de massa, mas para Alves (2008), ele possuía um alcance limitado e foi somente com a televisão que firmou-se os meios audiovisuais de massa. Segundo Bahia (2009) a televisão é o meio de comunicação que se estabeleceu mais rápido, liderando o mercado em faturamento, consumo e tecnologia. Alves (2008, p.60) complementa dizendo que “a invenção da televisão trouxe o mundo para dentro das casas” e Bahia (2009, p.163) completa que “na televisão, o jornalismo salta da letra para a imagem”.

O primeiro passo para o desenvolvimento da televisão, segundo Alves (2008), foi a descoberta do selênio, em 1817. Nesse período descobriu-se que a incidência de luz sobre o selênio produz uma corrente elétrica. A autora afirma que foi esse o princípio usado em 1875 pelo criador do primeiro aparelho de transmissão de imagem, o americano George Carey. Mas foi somente em 1935, na Inglaterra, que foi realizada a primeira transmissão televisiva, pela também primeira emissora de televisão do mundo, a British Broadcast Corporation - BBC.

O primeiro país da América Latina a ter uma emissora de televisão, segundo Alves (2008), foi o Brasil. A TV Tupi foi criada em 1950, em São Paulo, e o primeiro telejornal exibido chamava-se Imagens do Dia. Mas a autora alerta que a televisão, desde o início, teve um formato mais comercial, tornando-se, em pouco tempo, o principal meio de transmissão de campanhas publicitárias.

(...) a TV rompe com o conceito de jornalismo, abala valores com imagem, movimento, instantaneidade e proximidade nunca antes alcançados. Familiar, a TV dá à notícia uma intimidade que nem mesmo o rádio alcançara. (...) A televisão irradia o som e a imagem em projeções horizontais que tornam mágicos e dramáticos, a um só tempo, o seu alcance e a sua penetração (BAHIA, 2009, p. 179).

Alves (2008) ainda diz que a imagem é questionadora, nos provocando sempre a achar uma resposta. “Ela é o próprio reflexo no espelho, na lente da câmera, na tela, nos olhos de outro alguém”, escreve Alves (2008, p.135). Para a autora a imagem é uma narrativa, ela garante que todas as nossas ideias partem de imagens. Já Barnwell (2013) afirma que narrativa é a forma específica de contar uma história.

A história que você escolhe contar é única para você. O modo como você vê o mundo e como comunica isso depende da sua perspectiva particular e das visões das personagens do seu roteiro. Uma história pode ser contada por personagens únicos ou múltiplos, o que pode mudar drasticamente a estrutura e a atmosfera (BARNWELL, 2013, p. 33).

A imagem é um meio de comunicação, um tipo de linguagem, escreve Alves (2008), assim como os sons, que Gerbase (2012, p.140) destaca como um ponto fundamental: “eles podem complementar a imagem e contribuir com a sua verdade. Podem potencializar a imagem. Podem distorcê-la, relativizar, ou funcionar como um contraponto irônico”. Barnwell (2013, p. 155) complementa que, muitas vezes, o som é considerado “o primo pobre da imagem”, já que os filmes iniciaram silenciosos. Mas a autora afirma que atualmente ele é importante, pois inclui diálogos, som de fundo (*background*), narração, efeitos sonoros e música - elementos que complementam a história, os personagens, o estilo do filme e envolvem o público na narrativa.

Outros elementos de destaque na produção audiovisual são o roteiro, equipamentos, captação e edição de cenas. Alves (2008) explica que o primeiro passo, antes de escrever o roteiro, é construir a sinopse, uma breve narrativa da ação que compõe a história. A autora também ressalta a importância da escolha do gênero, já que ele serve de âncora para o roteiro e destaca alguns tipos: romance, ação, drama, suspense, clássicos, futuristas, aventuras, científicos, terror e documentário.

Gerbase (2012) ainda ressalta a noção de enquadramento, que, para ele, é a parte mais importante do audiovisual. O autor define que enquadrar é determinar o modo como o público perceberá o filme e descreve os principais planos: Plano Aberto, Plano Médio, Plano Fechado, Plano Geral, Plano de Conjunto, Plano Médio, Plano Americano, Meio Primeiro Plano, Primeiro Plano, Primeiríssimo Plano, Plano Detalhe. Além disso, outro componente do enquadramento, segundo Gerbase (2012) é o ângulo, dividido por altura: Normal, Plongée e Contra-Plongée e por lado: Frontal, 3/4, Perfil e De Nuca.

Neste subcapítulo, entendemos a origem da produção audiovisual, sua evolução ao longo dos anos, etapas de construção e importância para a

comunicação. No tópico a seguir, aborda-se a linguagem documental, suas características, definição e importância na historicização de fatos e informações pessoais, jornalísticas e da sociedade como um todo.

2.3 Documentário

Neste subcapítulo iremos contextualizar o documentário, que é apresentado por Melo (2013) como um gênero audiovisual essencialmente autoral. Penafria (2001) concorda e define o documentário como uma obra pessoal, afinal, para a autora, através dele se faz uma intervenção na realidade, reconstruindo-a com a impressão do documentarista. O documentário carrega a ideia de realidade na tela, retratando a vida como ela é: pessoas reais, que representam a si mesmas, contam suas experiências e histórias em uma comunicação direta com a câmera, afirma Nichols (2020). Para o autor,

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essas histórias numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia (NICHOLS, 2020, p. 37).

Mas não existe somente um tipo de documentário, Gerbase (2012) escreve que as estratégias para se contar uma história são variadas. Para ele, alguns filmes são documentário e ficção ao mesmo tempo, por isso, afirma que essa separação é frágil. Segundo Nichols (2020) documentários partem de acontecimentos, diferente da ficção, que é imaginada pelo roteirista e concorda dizendo que é difícil classificar um documentário. Ruaro (2007) complementa esses pensamentos afirmando que o termo de não-ficção também não é satisfatório para definir documentário, já que a ficção não é um gênero antagônico do documentário e possui um conceito tão amplo quanto.

O que pode demarcar a diferença entre os dois é a relação entre o sujeito e o realizador, escreve Ruaro (2007). “O realizador do documentário busca em seu filme montar uma narrativa que estabeleça enunciados sobre o mundo histórico”, afirma a autora. Ao realizar um documentário, não há grandes produções, Ruaro (2007)

explica que os cenários não são construídos, aproveita-se o ambiente natural do entrevistado ou da situação da captação. Os figurinos não são planejados, as falas são provocadas, não ensaiadas ou decoradas. Não existem ensaios, maquiagem. “Para o realizador do documentário, os imprevistos, barreiras e adendos fazem parte do todo. Se o documentário planejado antes da captação for o mesmo do resultado final, então não houve aprendizado durante o processo” (RUARO, 2007, p. 8).

E esse é um dos objetivos do documentário: transmitir aprendizados. Não só para seu realizador, mas também para a sociedade, dando ênfase para questões que precisam de atenção. “Não se trata de encontrar a verdade, e sim de procurá-la de modo pessoal, deixando que o espectador participe dessa busca e forme suas próprias convicções sobre a realidade apresentada e questionada”, escreve Gerbase (2012, p. 183).

O documentário tem o poder de convencer pela força do seu ponto de vista ou tom da sua voz, ressalta Nichols (2020). Para o autor, a voz do documentário pode criar perspectivas, fazer alegações e evocar sentimentos, é assim que cada filme expressa sua maneira de ver o mundo. Afinal, Nichols (2020) garante que documentários não são documentos, eles podem usar fatos concretos, mas sempre os interpretam e geralmente de maneira envolvente.

Segundo Barnwell (2013) existem quatro tipos de abordagens em documentários: expositiva, observacional, interativa e reflexiva. A primeira usa técnicas tradicionais, como a narração de uma história, onde os fatos são narrados pela conhecida “voz de Deus”. A próxima abordagem é aquela em que a câmera grava os acontecimentos sem nenhuma interferência, criando uma ilusão de que a câmera é invisível. A terceira abordagem usa entrevistas e a quarta mexe com códigos e convenções de produção ao atrair a atenção para o modo como o documentário é construído.

Neste subcapítulo vimos que não existe apenas uma definição para o documentário e que existem diversas abordagens para a criação de um. No próximo tópico iremos contextualizar a produção jornalística e audiovisual de forma *mobile* e também a importância das plataformas digitais na comunicação atual.

2.4 Produção *mobile* e Plataformas Digitais

Ao longo das últimas décadas, o audiovisual e a comunicação como um todo sofreram alterações na forma de produzir e consumir conteúdos, afirma Burney (2020). Segundo dados apresentados por Barcellos (2021), do *Digital News Report* 2020, a principal fonte de notícias atual de 87% dos brasileiros é a internet e as redes sociais (67%), ultrapassaram a televisão (66%), como meio preferido de acesso às notícias. Santos (2013) observa um novo marco para a história:

As novas plataformas visuais favorecem a possibilidade de o público fazer a própria programação com conteúdo de seu interesse, sem depender exclusivamente da grade exibida pela emissora de TV, cujo conteúdo é definido pelo departamento de programação. Sem aludir à substituição de um meio pelo outro, é possível afirmar que as plataformas digitais criaram e facilitaram novas formas de assistir à televisão ou seus conteúdos em diversas fontes (SANTOS, 2013, p. 93).

E, para além dessa observação, González (2009) apud Santos (2013) destaca um novo fenômeno, o fato de as pessoas preferirem ver eventos em telas. Ele cita o exemplo de um palestrando se apresentando em um auditório e detrás dele, existe um telão fazendo a transmissão, a maior parte do público, mesmo estando frente a frente com o palestrante, assiste sua fala pela tela. Para o autor, “a capacidade das telas de capturar o biotempo é incrível.”

Sendo assim, este cenário apresentado pelos autores, vale para todos os tipos de tela a que somos expostos. Santos (2013) ainda afirma que, todos esses dispositivos que nos rodeiam pautam a nossa convivência, influenciando diretamente nossa maneira de nos comunicarmos.

Em contrapartida, Moreira (2019, p. 13), afirma que “a tecnologia esteve sempre associada ao jornalismo”. O registro do uso de tecnologias para produzir uma nota ou uma reportagem, data do século XIX, com os usos do telégrafo para a comunicação. O autor assegura que o uso *mobile* no jornalismo ganhou destaque somente em 2001, quando a imprensa dos Estados Unidos fez a cobertura da guerra do Afeganistão com um videofone. Mas foi só em 2013 que este fenômeno tecnológico ganhou relevância no Brasil, com a transmissão, feita por jornalistas, de protestos de rua, através do *streaming*, com celular.

O século XXI chega com a possibilidade de se usar, sem precisar sair de casa, computadores robustos, que permitem a produção, gravação e edição de conteúdo audiovisual. A Internet, cada vez mais potente, possibilita a divulgação e distribuição do material produzido em diversos sites e também nas redes sociais (MOREIRA, 2019, p. 14).

Concordando com essa afirmação, Pinto (2020) escreve que, em um período de dez anos, a tecnologia reconfigurou o telefone celular da década de 90. A autora também alerta para o fato de que o jornalismo está em um período de permanente mudança, fazendo-se necessária uma atualização constante da produção jornalística, já que as tecnologias, plataformas e mídias se renovam diariamente. A autora ainda destaca:

O jornalismo pós-industrial nos leva à uma nova maneira de se fazer jornalismo (...) a era digital desbancou o processo analógico de produção e, no caso de programas jornalísticos e de entretenimento para a TV, há de se pensar na convergência de mídias: a exposição do programa não termina mais quando seu horário finda ao ser exibido na TV. Ele permanece on-line na internet através de portais e blogs, e precisa ser atualizado constantemente por suas redes sociais. Em se tratando de telejornalismo, os fatos e notícias são uma constante, e acontecem 24h por dia. Fora isso, o telespectador tem hoje a opção on demand, ou seja: não é necessário mais que fique aguardando o horário de exibição do seu programa favorito para assisti-lo na TV. Pode assistir via internet, como e quando quiser (PINTO, 2020, p. 42).

Atualmente é possível carregar um aparelho portátil, com a possibilidade de registrar tudo o que interessar e também tudo o que se acredita poder se tornar um conteúdo para os grandes sites de notícias, afirma Moreira (2019). Com o mesmo ponto de vista, Pinto (2020) escreve que qualquer pessoa com um *smartphone* está apta a registrar um fato importante que pode ilustrar integral ou parcialmente uma notícia, o que resulta no jornalismo participativo. “Dessa forma, o telespectador, que na antiga lógica televisiva era um agente passivo da emissão, passa a ser um agente ativo da notícia”, aponta Pinto (2020, p. 51).

E, para além disso, Pinto (2020) explica que o papel do jornalista também é reconfigurado, trazendo diversas atribuições a ele: captação de imagem estática (foto), captação de imagem e som (vídeo), desenvolvimento da redação e, enfim, a execução da matéria em si. Concordando com essa linha de pensamento, Moreira (2019) complementa dizendo que o conhecimento técnico pode transformar o perfil do profissional de comunicação que atualmente precisa ser redator, fotógrafo, cinegrafista, editores de texto e imagens, e também distribuidor de conteúdo.

Sacar o aparelho para fazer registros de fatos que podem se transformar em notícia virou lugar-comum. Mas, apesar dessa facilidade ao alcance das mãos, poucos são os que conseguem fazer registros visuais com uma boa qualidade técnica e o que vemos publicados nos portais ou nas transmissões das emissoras de televisão (lugar em que o conteúdo produzido é veiculado) são imagens com baixa qualidade técnica e que não transmite a informação por si só sendo necessário o acompanhamento de narração oral do que aconteceu para que o público tenha condições de compreender o que está sendo exibido (MOREIRA, 2019, p. 20).

Conforme Pinto (2020) a utilização de *smartphones* na produção de audiovisuais e matérias jornalísticas deixam o produto final ainda mais íntimo, pois aproxima o profissional dos telespectadores e, por consequência, traz mais credibilidade e fidelidade. E para esse resultado, Moreira (2019) descreve alguns pontos práticos como: realizar gravações do dia a dia com a câmera nativa do celular, mas para uma matéria especial, utilizar um aplicativo com mais recursos técnicos - o que transforma o *smartphone* “em uma verdadeira filmadora com controle de exposição, ISO, velocidade do obturador, estabilização da imagem, zoom, redução de ruídos, ajuste de RGB, medidor de áudio dinâmico etc”, escreve o autor.

A utilização de *smartphones* na elaboração de matérias e outros produtos jornalísticos para a TV, para Pinto (2020), é algo inovador e ainda em fase de teste em diversas empresas de comunicação. Nesse sentido, a autora acredita que se faz necessária uma atenção e dedicação maior de estudiosos pois “a apropriação dos *smartphones* no processo produtivo jornalístico ainda está sendo explorada”.

A partir de reflexões trazidas por meio de uma revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, foram apresentados os subcapítulos jornalismo, produção audiovisual, documentário, produção *mobile* e plataformas digitais. O próximo capítulo apresenta o processo metodológico deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os processos metodológicos, que justificam os caminhos seguidos para a realização de uma monografia e possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho. Para esclarecer cada uma das escolhas, foram utilizados autores como Duarte (2015), Goldenberg (2013) e Gil (2012).

Quanto à pesquisa, essa monografia se caracteriza como qualitativa, pois traz a subjetividade da pesquisadora na busca por historicizar fatos e informações sobre a região do Morro Gaúcho, conceituar e explicar o que é Jornalismo, produção audiovisual, documentário e plataformas digitais. Segundo Goldenberg (2013), a pesquisa qualitativa trata de observar como cada grupo ou indivíduo vivencia a realidade pesquisada. Gil (2012) concorda e complementa dizendo que “não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores”, sendo assim, a análise depende muito do estilo do pesquisador.

Os conteúdos e conceitos referentes a esta pesquisa foram baseados em livros e artigos científicos já existentes, de autores clássicos e contemporâneos, caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica. Conforme Stumpf (2015), a pesquisa bibliográfica faz parte do processo inicial de qualquer estudo com foco na identificação e obtenção de documentos pertinentes ao assunto pesquisado.

Quanto à tipologia, esse estudo é documental, pois tem como objetivo final a produção de um audiovisual. Também pode-se definir essa pesquisa como exploratória, de tipicidade e de acessibilidade. Segundo Gil (2012), as pesquisas

exploratórias concedem uma visão geral e aproximada de um determinado fato, sendo uma forma de nos familiarizarmos com o problema. A pesquisa é definida por tipicidade, pois são considerados os elementos representativos da localidade, de moradores de diferentes gerações, raça e classes sociais. E, por acessibilidade, porque a escolha dos entrevistados foi feita pela facilidade de acesso a eles, tornando-se uma pesquisa não probabilística.

Para realização do produto, baseado no objetivo geral de produzir um audiovisual, em linguagem documental, a partir de narrativas contadas por moradores, com histórias reais e informações sobre o Morro Gaúcho, localizado no município de Arroio do Meio/RS, é preciso realizar entrevistas com moradores da localidade, e, conforme Duarte (2015) em pesquisas qualitativas, é preferível se ter poucas fontes, mas de qualidade. Seguindo essa perspectiva, Goldenberg (2013) concorda e destaca que enxergar a questão sob várias perspectivas é mais importante do que o número de fontes. Com isso, as cinco pessoas selecionadas são moradores do Morro Gaúcho e redondezas, dispostos a conversar e contar suas histórias sobre o local.

Diante disso, o processo de coleta de dados, que ocorreu entre 25 março e 16 de abril, foi por meio de entrevistas presenciais, ou seja, face a face, que, conforme com Gil (2012), possibilita coletar maior quantidade de informações. A entrevista também é caracterizada como focalizada, onde a fonte pode se expressar livremente sobre o tema, mas respeitando a perspectiva de interesse. Ainda de acordo com o autor, a entrevista é denominada como informal, buscando uma visão mais ampla do problema pesquisado e identificando aspectos da personalidade do entrevistado.

Ao reunir informações detalhadas, com o objetivo de capturar a realidade de uma situação e descrever um caso concreto, Goldenberg (2013) classifica essa monografia como um estudo de caso. “Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística”, afirma o autor.

A metodologia desta monografia foi apresentada neste capítulo, com base em conceitos e definições de autores. No subcapítulo seguinte, apresenta-se a definição

de roteiro, o argumento que sustenta a ideia do documentário, bem como a sistematização do pré-roteiro da produção audiovisual.

3.1 Roteiro

Este tópico apresenta uma parte essencial para construção de um produto audiovisual, o roteiro. Conforme Gerbase (2012) a produção audiovisual deve contemplar a criação de um roteiro, escolha de equipamentos, captação e edição das imagens. Porém, antes do roteiro, é preciso escrever a sinopse, uma narração breve, que descreve de forma simples, a ação que compõem a história, escreve Alves (2008).

Após a sinopse, outra etapa importante para a elaboração de um audiovisual, é o argumento, que é diferente da ideia. Duas qualidades citadas por Gerbase (2012) que os diferenciam são: o fato de o argumento ir pro papel e ter uma estrutura de começo, meio e fim, sendo um verdadeiro resumo da história.

Conforme Alves (2008), o roteiro é a fase de elaboração, em que a ideia se transforma em um produto criativo. A autora afirma que ele servirá para apresentar a história em detalhes e como guia para a produção. Por outro lado, para Gerbase (2012), na construção de um roteiro para documentário, existe um "pré-roteiro". Nesta etapa existem duas fases, a primeira antes da captação do material e a segunda após avaliar as imagens captadas. Sendo assim, a partir do que for constatado, é possível formular uma nova tentativa de recorte do tema e estratégia narrativa, definindo o que se tem de melhor e que raciocínio o documentário pode seguir.

O documentário "A vida além da paisagem" passa por todos esses processos. Sendo assim, no subcapítulo seguinte apresenta-se o argumento, que serve como ponto de partida para a produção audiovisual.

3.1.1 Argumento

O Morro Gaúcho é um importante ponto turístico da região do Vale do Taquari e pouco se sabe sobre sua história. Que narrativas e contos vivem em meio a famosa paisagem e a mata exuberante do local? O documentário “A vida além da paisagem” tem como proposta principal ouvir moradores locais e trazer visibilidade para suas histórias, garantindo que gerações atuais e futuras conheçam, se encantem e preservem o Morro Gaúcho.

3.1.2 Sistematização - pré-roteiro

Neste subcapítulo desenvolve-se a sistematização através de um pré-roteiro que, como já abordado neste trabalho, é defendido por Gerbase (2012) como uma das etapas essenciais para a produção de um documentário. O objetivo é criar uma estratégia narrativa com a definição inicial de cenas, planos e enquadramentos, equipamentos e descrição de todos os elementos necessários.

O pré-roteiro a seguir serviu como fio condutor inicial para a realização desta produção documental. Afinal, de acordo com Melo (2013), o documentário vai sendo construído ao longo do processo, e o resultado final só gera aprendizado, se não for igual ao planejado inicialmente.

Gênero: Documentário

Título: “A vida além da paisagem”

Tempo: 15 minutos

Fontes:

- Tania Hilgert
- Valmir Gerhardt
- Lori Gerhardt
- Romildo Reckziegel
- José Matte

Quadro 1 - Sistematização - pré-roteiro

	VÍDEO	ÁUDIO
CENAS	PLANOS/ENQUADRAMENTOS	DESCRIÇÃO
Cena 01	Plano detalhe - imagem de fotos antigas de pessoas no Morro Gaúcho	<i>Lettering:</i> Histórias estão em todo lugar, só esperando alguém para ouvi-las. <i>Trilha sonora:</i> sons da natureza
Cena 02	Plano geral - imagens do Morro Gaúcho	<i>Lettering:</i> O Morro Gaúcho é palco de inúmeros momentos, mas qual a sua história? <i>Trilha sonora:</i> sons da natureza
Cena 03	Plano geral - imagens do Morro Gaúcho	<i>Lettering:</i> Que vida existe por trás da paisagem? <i>Trilha sonora:</i> sons da natureza
Cena 04	Plano geral - imagens do Morro Gaúcho	<i>Lettering:</i> nome do documentário <i>Trilha sonora:</i> instrumental
Cena 05	Planos diversos - casa do entrevistado 1 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 1: qual sua primeira lembrança do Morro Gaúcho?
Cena 06	Planos diversos - casa do entrevistado 2 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 2: qual sua primeira lembrança do Morro Gaúcho?
Cena 07	Planos diversos - casa do entrevistado 3 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 3: qual sua primeira lembrança do Morro Gaúcho?
Cena 08	Planos diversos - casa do entrevistado 4 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 4: qual sua primeira lembrança do Morro Gaúcho?

(Continua...)

(Conclusão)

	VÍDEO	ÁUDIO
CENAS	PLANOS/ENQUADRAMENTOS	DESCRIÇÃO
Cena 09	Planos diversos - casa do entrevistado 5 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 5: qual sua primeira lembrança do Morro Gaúcho?
Cena 10	Planos diversos - casa do entrevistado 1 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 1: quais as histórias que seus antepassados contavam sobre o Morro Gaúcho?
Cena 11	Planos diversos - casa do entrevistado 2 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 2: quais as lendas que você conhece sobre o Morro Gaúcho?
Cena 12	Planos diversos - casa do entrevistado 3 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 3: como foi crescer no Morro Gaúcho?
Cena 13	Planos diversos - casa do entrevistado 4 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 3: como foi crescer no Morro Gaúcho?
Cena 14	Planos diversos - casa do entrevistado 5 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 4: quais as lendas que você conhece sobre o Morro Gaúcho?
Cena 15	Planos diversos - casa do entrevistado 1 - sentado em uma cadeira - takes do entrevistado mesclando com cenas do Morro Gaúcho	Sonora entrevistado 1: qual a importância de registrar essas histórias?
Cena 16	Plano detalhe - imagens do rosto dos entrevistados sorrindo	<i>Lettering:</i> A vida além da paisagem existe e suas histórias estão aqui para serem ouvidas. <i>Trilha sonora:</i> sons da natureza

Fonte: Da autora (2023).

Neste tópico, abordou-se a sistematização do pré-roteiro, em outras palavras, a proposta inicial pensada para compor a narrativa, fio condutor para que a pesquisadora realizasse o produto central desta pesquisa, o documentário “A vida além da paisagem”. No próximo capítulo, apresenta-se relatos do processo de produção do audiovisual, composto por relatos subjetivos da pesquisadora referente às saídas a campo, captações e entrevistas realizadas.

4 DIÁRIO DE PRODUÇÃO

O processo de construção do audiovisual, etapa principal deste trabalho, iniciou no dia 25 março e finalizou no dia 4 de junho, contemplando a captação de cenas, entrevistas e edição. Foram mais de 5 horas de imagens captadas, 3 delas só de entrevistas, que na hora da edição, foram reduzidas em 15 minutos.

Diante disso, o pré-roteiro realmente serviu como fio condutor inicial, mas ao longo das captações e na hora da edição, outras possibilidades surgiram, modificando o resultado final.

Os relatos a seguir sintetizam esse processo, com percepções da pesquisadora, detalhes e adversidades que ocorreram durante as gravações. Além disso, por ser uma descrição pessoal, a linguagem utilizada é mais direta e pessoal, lembrando um diário, que pode ser utilizado por futuros pesquisadores.

4.1 Relato da produção

4.1.1 1ª Captação - 25/03

A primeira captação de cenas ocorreu no sábado, 25 de março de 2023, às 9h, em Arroio do Meio. A pesquisadora estava ansiosa a semana inteira para esse momento, visto que era sua primeira gravação. Na noite anterior, ao testar os

equipamentos (câmera do celular e microfone de lapela), percebeu que o microfone não funcionava em seu celular, mas o áudio captado pelo aparelho estava excelente. Com isso, o nervosismo aumentou, o que, no fim, tranquilizou a entrevistada que também estava ansiosa.

O local escolhido foi a casa da entrevistada, para deixá-la o mais confortável possível. A pesquisadora contou com o auxílio de seu namorado para a captação de cenas de apoio, sendo assim, os dois saíram de sua casa, em Lajeado, às 8h da manhã do sábado para aproveitar o dia ensolarado e captar imagens do Morro Gaúcho durante o trajeto até a casa da entrevistada, que mora de frente para o local.

Ao chegar na casa, perto da RS-130, a entrevistada já estava à espera da pesquisadora com seu cachorrinho no colo. Juntas, optaram por fazer a captação das imagens em uma sala nos fundos da casa, um local bem iluminado, tranquilo e longe dos barulhos da estrada. Para a gravação, a pesquisadora utilizou um tripé e um smartphone, além do caderno com perguntas de apoio.

A entrevista ocorreu surpreendentemente bem, a entrevistada, que disse estar nervosa, não se intimidou com a câmera e a conversa fluiu muito bem. Em determinado momento, a pesquisadora pediu se a entrevistada possuía fotos do Morro Gaúcho e acompanhou a busca por elas pela casa. Os registros estavam guardados em um armário cheio de álbuns, em um corredor repleto de retratos pendurados na parede. Para a captação dessas imagens, a pesquisadora estava com o celular em mãos.

Após 2h de conversa e captação, a pesquisadora e seu namorado se despediram da entrevistada, que estava encantada e curiosa pelo resultado da produção. O auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo.

Figura 1 - Entrevistada durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

Figura 2 - Pesquisadora filmando a entrevistada em sua casa



Fonte: Felipe Johann (2023).

4.1.2 2ª Captação - 26/03

Na manhã do domingo, dia 26 de março de 2023, ocorreu a segunda captação do documentário. Dessa vez, a pesquisadora e seu namorado, foram até o Morro Gaúcho entrevistar um morador atual do local. A entrevista estava marcada para às 9h e o entrevistado já estava aguardando quando a pesquisadora chegou, no horário combinado.

O dia estava nublado, mas com uma boa luminosidade, o caminho até a casa do entrevistado era inspirador. Diferente do dia anterior, a pesquisadora estava mais tranquila, a ansiedade da primeira gravação já tinha passado. Em contrapartida, o entrevistado se mostrou muito nervoso e fechado, o que fez com que a conversa não fluísse como o esperado.

A casa era encantadora, no topo do Morro, conhecido atualmente como Morro São José, mas que faz parte do Morro Gaúcho. O local escolhido para a captação foi a área externa da casa, já que era um local tranquilo, sem movimento de carros. Foi uma entrevista rápida, em 1h a pesquisadora e seu namorado já estavam indo embora, um pouco frustrados pela dificuldade de conversar com o entrevistado em frente a câmera mas felizes com a qualidade das imagens captadas. O auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo.

Esse primeiro fim de semana de gravações deixou a pesquisadora bem empolgada para as próximas, mas serviu para equilibrar as emoções e expectativas, visto que uma entrevista saiu como o planejado e a outra não. Entrevistar pessoas de mais idade se mostrou uma tarefa complexa, apesar de estarem confortáveis em suas casas, a câmera, mesmo que de um celular, ainda intimida algumas pessoas, como o caso do segundo entrevistado. Diante disso, a pesquisadora se sente mais preparada para a próxima, que já tem data marcada para o dia 2 de abril.

Figura 3 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

Figura 4 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

4.1.3 3ª Captação - 02/04

No domingo, 2 de abril de 2023, às 9h, na casa do entrevistado, em Arroio do Meio, ocorreu a terceira gravação do documentário. Mais uma vez, a pesquisadora e seu namorado saíram animados para ouvir as histórias sobre o Morro Gaúcho, dessa vez, de um antigo morador do local, que nasceu e viveu por lá por muitos anos.

A ansiedade voltou a tomar conta da pesquisadora, mas foi apaziguada ao chegar no local e se deparar com um entrevistado empolgado e confiante. Por morar em uma rua movimentada e no segundo andar de um supermercado, a captação foi feita no interior da casa, na sala de estar, um local tranquilo e bem iluminado.

A conversa fluiu muito bem, o entrevistado estava claramente feliz em compartilhar suas lembranças, foi procurar fotos e registros antigos e acabou não achando os que queria, mas prometeu para a pesquisadora que iria buscar com mais calma e mostrar para ela em outra ocasião. Além disso, fez um convite especial: explorar uma trilha do Morro Gaúcho para encontrar uma lagoa escondida, que ninguém conhece e ele achou faz pouco tempo. Prontamente a pesquisadora aceitou o desafio e já convidou outro possível entrevistado para acompanhá-la nessa aventura. A ideia é fazer captações de cenas, entrevistas e claro, achar a lagoa.

Após 2h30min de entrevista, a pesquisadora foi embora mais empolgada do que chegou e com data e hora marcada para a trilha: 16 de abril, 6h da manhã. E mais uma vez o auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo.

Figura 5 - Entrevistado durante a captação em sua sala de estar



Fonte: Felipe Johann (2023).

Figura 6 - Pesquisadora e entrevistado durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

4.1.4 4ª Captação - 15/04

No dia 15 de abril de 2023, às 9h, em um sábado nublado, ocorreu a quarta captação do documentário, na casa dos entrevistados, em Arroio do Meio. Dessa vez a entrevista foi realizada com mãe e filho.

O tempo estava instável, nublado e com um vento gelado, mas isso não desanimou a pesquisadora, que estava curiosa e empolgada para ouvir os entrevistados do dia. A felicidade foi maior ainda ao se deparar com a beleza do local da gravação, a área externa da propriedade do entrevistado. Mesmo com a nebulosidade do dia, o local era bem iluminado e tranquilo, perfeito para a captação.

A entrevista foi bem divertida, o entrevistado tinha histórias muito curiosas sobre o Morro Gaúcho e sua mãe, tímida inicialmente por não falar e entender muito o português, se saiu bem conforme a conversa fluía. A pesquisadora optou por entrevistá-los juntos justamente por esse motivo, a mãe do entrevistado guarda muitas lembranças, mas não sabe se expressar direito em português e tem um pouco de dificuldades de memória, juntos eles conseguiram resgatar as histórias e contá-las.

Para a pesquisadora essa foi uma das melhores captações, pois as histórias e lendas contadas a surpreenderam positivamente. Ao final da entrevista, convidou o entrevistado para a trilha pelo Morro Gaúcho, citada na captação anterior, e ele topou na hora, acreditando que poderia mostrar na trilha locais das lendas contadas. Mais uma vez o auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo.

Figura 7 - Pesquisadora e entrevistados durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

Figura 8 - Entrevistados durante a captação



Fonte: Felipe Johann (2023).

4.1.5 5ª Captação - 16/04

Dia 16 de abril de 2023 começou cedo para a pesquisadora e seu namorado que acordaram às 5h 30 min, tomaram café da manhã e partiram para uma captação diferente. Foram ao encontro de dois dos entrevistados anteriormente e seus amigos para uma trilha em busca de uma lagoa que fica no meio do Morro Gaúcho e do local chamado de Jardim dos Bugres.

A pesquisadora estava muito animada e ansiosa para esse momento, já que seria uma ótima oportunidade para captar imagens do morro, em meio a floresta e também ouvir outras histórias. O ponto de encontro foi um supermercado da região e às 6h30 estávamos prontos para partir. Chegamos na encosta do morro de carro, a trilha em si começou às 7h da manhã, em meio a neblina e umidade da floresta. O início foi bem tranquilo, o caminho era relativamente aberto e pouco íngreme, mas conforme fomos adentrando, o mato começou a fechar, tivemos pontos em que escalamos rochas e paredões, mas nada que não fosse seguro. Mesmo assim, foi uma adrenalina imensa e uma satisfação sem explicação vencer esses pequenos desafios. Em certo momento, nos perdemos no meio do mato e tivemos que recorrer ao GPS para nos localizarmos novamente e seguir em busca dos locais que queríamos encontrar.

E encontramos: a lagoa estava quase seca, não conseguimos definir ao certo onde ela começava e terminava, o que foi um pouco frustrante para todos. Mas a frustração foi esquecida ao chegarmos no chamado Jardim dos Bugres, local onde a vegetação é mais aberta, o sol inunda todos os lugares e dá vida para cactos, orquídeas, samambaias e bromélias - plantas que não vemos em outros locais do morro. Além disso, as várias paisagens diferentes proporcionadas durante o percurso deixou a todos admirados, fazendo com que o fato de a lagoa estar quase invisível, fosse esquecido.

No decorrer da trilha a pesquisadora fez diversas captações: imagens do morro, da paisagem, da vegetação, do Jardim dos Bugres e também das novas histórias contadas pelos entrevistados. Mais uma vez o auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo de captação. E um fato deixou a

pesquisadora muito feliz, um dos convidados para a trilha levou seu drone e prometeu ceder imagens para a pesquisadora utilizar, com os devidos créditos, em seu documentário.

Foram 7h de caminhada, quase 12km e uma imersão profunda no tema do trabalho de conclusão, existe muita vida além da paisagem do Morro Gaúcho. Ao relembrar e escrever esse diário, a pesquisadora retoma a emoção, o arrepio e as lágrimas que chegam de fininho para potencializar o sentimento de que ela está no caminho certo.

Na volta para casa, às 14h30 do domingo, todos estavam exaustos, com algumas dores, mas muito felizes de finalizar a trilha com sucesso, encontrando todos os pontos que queríamos. O tempo também ajudou também, o dia iniciou nublado, mas o sol logo apareceu, a chuva chegou somente quando a pesquisadora e seu namorado entraram em casa, famintos e doloridos. Mais uma vez o auxílio do namorado se mostrou essencial para registrar o processo de captação.

Agora a pesquisadora vai iniciar o processo de edição das captações para, caso seja necessário, entrar em contato com mais pessoas para entrevistar. Diversos nomes foram passados como boas fontes, mas infelizmente não há tempo hábil e nem espaço no documentário para todas elas. Talvez essa seja uma oportunidade para outros pesquisadores se aprofundarem ainda mais no tema e ouvirem essas diversas vozes que têm tanto a contar sobre o Morro Gaúcho.

Observação: seis dias após a trilha, dia 22 de abril, a pesquisadora foi ao médico e descobriu que trincou duas costelas durante a trilha. O tombo que parecia inofensivo e quase não doeu resultou nesse diagnóstico. O tratamento é somente na base de remédios para a dor, não fazer atividades físicas, grandes esforços e repousar o máximo possível durante pelo menos um mês.

Figura 9 - Pesquisadora fazendo captação durante a trilha no Morro Gaúcho



Fonte: Felipe Johann (2023).

Figura 10 - Pesquisadora, seu namorado e os participantes da trilha



Fonte: Da autora (2023).

4.1.6 6ª Captação - 04/06

Ao longo da edição do documentário, a pesquisadora sentiu a necessidade de captar algumas imagens específicas, como a pedreira do Morro Gaúcho. Diante disso, no dia 4 de junho, ela, seu namorado, irmã, cunhado e mãe foram passar a tarde no local, aproveitando para fazer captações.

Saíram de casa às 16h e foram parando na subida para a pesquisadora fazer imagens antes de chegar no topo do morro. A tarde estava perfeita, com o clima ameno e muito sol, a pesquisadora conseguiu captar todas as cenas de que sentiu falta e ainda ganhou de bônus um pôr do sol expandido.

Escurecia quando a família voltou para casa, perto das 18h. A pesquisadora estava tranquila e feliz, pois com as imagens captadas, estava chegando ao fim da edição do audiovisual, faltando apenas alguns ajustes finos.

Figura 11 - Pesquisadora e seu namorado na pedreira do Morro Gaúcho



Fonte: Raiza Halmenschlager (2023).

Figura 12 - Da direita para a esquerda: a pesquisadora, seu cunhado, irmã, mãe e namorado



Fonte: Da autora (2023).

Figura 13 - Captação do pôr do sol no Morro Gaúcho



Fonte: Raiza Halmenschlager (2023).

Neste tópico, apresentou-se o diário de produção do documentário “A vida além da paisagem” com detalhes de cada captação. Por ser uma descrição pessoal, a linguagem utilizada foi informal. No próximo capítulo, apresenta-se as considerações finais da pesquisa, com as percepções e conclusões da pesquisadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, constata-se que o Morro Gaúcho é repleto de histórias e lendas, passadas de geração em geração, mas que ainda não haviam sido devidamente registradas. Segundo Nichols (2020), documentários são uma maneira de retratar pessoas reais, em uma comunicação direta com a câmera. Sob essa perspectiva, o audiovisual “A vida além da paisagem” é uma produção com protagonistas da vida real, que contam histórias que viveram ou que ouviram de seus antepassados.

Por meio da imagem e do som, foi possível documentar lembranças e lendas de pessoas que possuem uma relação forte com o local e representam outras tantas que não tiveram suas histórias documentadas, atingindo um dos objetivos específicos desta pesquisa: historicizar fatos e informações sobre a região do Morro Gaúcho.

Ao longo das entrevistas, percebeu-se que as fontes não narravam suas histórias da mesma forma que o fizeram antes da câmera do celular ser ligada. Na percepção da pesquisadora, isso se deve a timidez e nervosismo, sentimentos que, ao longo da captação, iam sendo dissipados. A pesquisadora entendeu também a importância de realizar as entrevistas nas casas das fontes, onde se sentiam mais confortáveis e confiantes para narrar suas histórias.

Histórias que, na visão da pesquisadora, ansiavam por um registro. Durante as conversas com os entrevistados, percebeu-se a felicidade em ter alguém disposto

a ouvir suas narrativas e documentá-las. Afinal, o Morro Gaúcho é um local importante não só para os moradores locais, mas também para a cidade de Arroio do Meio e o Vale do Taquari, como um famoso ponto turístico. Constatou-se também a importância da preservação do meio ambiente, que foi relatada por todas as fontes, que se surpreendem positivamente ao ver como o Morro Gaúcho está hoje e relembrar como era antigamente, quando era mais explorado pela agricultura.

Outro ponto de destaque são as lendas - que envolvem povos indígenas, baús de tesouro e animais - contados por pessoas mais velhas para as crianças e lembradas até hoje, mas que nunca tinham sido gravadas e documentadas. A pesquisadora compreendeu que a coleta dessas narrativas deixou os entrevistados felizes e até aliviados, pois o medo dessas histórias serem esquecidas foi perceptível durante as captações.

No total, foram aproximadamente 5 horas de material bruto captado, rico em detalhes sobre diversos aspectos do Morro Gaúcho, resumidos em um audiovisual com duração de até 15 minutos. As captações das entrevistas e imagens de apoio ocorreram entre os dias 25 de março e 4 de junho. Após essa etapa, iniciou-se a edição do material, em que o pré-roteiro serviu como fio condutor inicial, mas que foi totalmente modificado durante a edição. O que vai ao encontro com a fala de Melo (2013), que diz que o documentário vai sendo construído ao longo do processo, e que o resultado final só gera aprendizado, se não for igual ao planejado no pré-roteiro.

A pesquisa também teve como objetivo específico investigar, através de autores recentes e clássicos, o Jornalismo, a produção audiovisual, linguagem documental e a produção *mobile*, o que foi cumprido através de explicações feitas por Pena (2005), Alves (2008), Bahia (2009) e Martins (2021) sobre jornalismo; por Gerbase (2012) e Santos (2013) sobre a produção audiovisual; por Ruaro (2007), Melo (2013) e Nichols (2020) sobre documentário; e, por fim, por Moreira (2019) e Pinto (2020), sobre produção *mobile* e plataformas digitais.

Outro objetivo específico da pesquisa foi atingido nos subcapítulos roteiro, argumento, sistematização e pré-roteiro e diário de produção: o de relatar o processo de produção audiovisual, através de plataformas *mobile*.

Para Pinto (2020) a utilização de celulares na captação de imagens para documentários e matérias jornalísticas deixa o produto final ainda mais íntimo, o que foi percebido pela pesquisadora ao longo do processo, em que contou apenas com a câmera e microfone do celular e um tripé para o apoio. Cumprindo o que Alves (2008) defende como etapas do processo de um audiovisual, que começa com a concepção de uma ideia, um roteiro, argumento, equipamentos, captação e edição das imagens. Todos esses passos foram contemplados no documentário “A vida além da paisagem” e vale destacar que a pesquisadora escolheu desafiar-se e produzi-lo sozinha, sem a ajuda de terceiros. No entanto, contou com ajuda de seu companheiro, Felipe Johann, na captação de imagens para os bastidores e recebeu do João Hilgert, as imagens de drone captadas durante a trilha no Morro Gaúcho, que foram devidamente creditadas no documentário.

Com o objetivo geral de produzir um audiovisual, em linguagem documental, a partir de narrativas contadas por moradores, com histórias reais e informações sobre o Morro Gaúcho, a pesquisa atinge o planejado com a realização do documentário “A vida além da paisagem”. O material entregue apresenta histórias e lendas do local, a partir de um recorte de quatro moradores da região.

Destaca-se que emana das próprias falas dos entrevistados, a necessidade de mais vozes contarem histórias sobre o Morro Gaúcho, para que estas não se percam com o tempo. A pesquisadora concorda com suas fontes e acredita que o trabalho de historicização, que começou com esse documentário, tem um grande potencial para ser aprofundado por outros pesquisadores no futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia Nogueira. Comunicação: da história ao conceito de comunicação; Produção de imagens. *In*: ALVES, Márcia Nogueira; FONTOURA, Mara; ANTONIUTTI, Cleide Luciane (orgs.). **Mídia e produção audiovisual: uma introdução**. Curitiba: Ibplex, 2008.

BAHIA, Juarez Benedito. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 2, 2009.

BARCELLOS, Z. R. JORNALISMO DIGITAL: Pesquisa multifacetada no desenvolvimento de didáticas e processos de produção. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 7, n. 3, 2021. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2021v7n3a13pt. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/12896>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BARNWELL, Jane. **Fundamentos de produção cinematográfica**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

BURNAY, Catarina Duff; RIBEIRO, Nelson. **Anuário do Setor de Produção Audiovisual em Portugal 2020**. Edição n.º2, 2020. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/38589/1/relatorioapit_2020_web.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

GERBASE, Carlos. **Cinema primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o Interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MARTINS, Allysson Viana. **Produções digitais nos 50 anos do Golpe de 1964: especiais multimídias em sites jornalísticos brasileiros**. 2021. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Disponível em <https://doi.org/10.1590/1809-5844202114>. Acesso em 29 set. 2022.

MELO, C. T. V. DE. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 13 maio 2013. Acesso em: 23 out. 2022.

MONTAÑO, Sonia. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da Web na contemporaneidade**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MOREIRA, Diego Gouveia. et al. **Jornalismo de Bolso: formação para produção da notícia a partir de dispositivos móveis**. Recife, Vol. 17, N. 1, 9–23, © 2019 PPGCOM/UFPE. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/viewFile/236816/pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2020.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário: subtítulo do artigo**. BOCC, Local, v. 1, n. 1, 2001. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=10. Acesso em: 23 out. 2022.

PINTO, Adriana Bagno Alves. **Jornalismo de proximidade e hiperlocal: smartphones na produção da notícia no telejornalismo**. Repositório Institucional da UFPB, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18203?locale=pt_BR. Acesso em: 14 nov. 2022.

RUARO, Giovana Bigarella. **Sade**. Acervo Digital Institucional da UFPR, Curitiba, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/53249>. Acesso em: 23/10/ 2022.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. (Orgs). **Comunicação, tecnologia e inovação: Estudos interdisciplinares de um campo em expansão**. Brasil: Editora Buqui, 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. **Cultura do Jornalismo Móvel. Transmutações no jornalismo**. Campina Grande: EDUEPB, v. 1, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18003/1/jornalismo-movel-miolo-repo.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

STUMPF, Ida Regina C..**Pesquisa Bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). Método e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Documentário

Link YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=mQb752xg3sM>

APÊNDICE B - Perguntas balizadoras das entrevistas

- Qual a primeira coisa que passa pela sua cabeça quando se fala em Morro Gaúcho?
- Qual a lembrança mais marcante ou antiga que você tem do Morro Gaúcho?
- Que histórias você ouvia sobre o local na infância?
- Você percebeu mudanças na vegetação do Morro Gaúcho ao longo dos anos?
- Como você imagina o Morro Gaúcho no futuro e como você gostaria que ele estivesse?
- Para você, qual a importância de resgatar e preservar as histórias e lendas do Morro Gaúcho?

ANEXOS

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA A ENTREVISTA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM PARA OS ENTREVISTADOS

Eu, _____, aceito participar da entrevista realizada pela pesquisadora Roberta Stefani Halmenschlager, aluna graduanda do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari Univates – RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisadora poderá utilizar das respostas por mim cedidas e coletadas na entrevista para uso de observações e para o complemento da monografia, com gravações para posterior montagem de um produto audiovisual desenvolvido pela própria pesquisadora, tendo a mediação da mesma, com entrevistas previamente combinadas e consentidas durante o desenvolvimento do trabalho.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa. Assim, autorizo a veiculação de minha entrevista no material produzido para fins educacionais.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, e a utilização dos materiais coletados como entrevistas, filmagens e observações realizadas durante a entrevista poderão ser necessários. Por isso, autorizo a divulgação das observações, das entrevistas e das filmagens geradas para fins da produção da monografia e do documentário de autoria da graduanda Roberta Stefani Halmenschlager para obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari - Univates – RS.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2023.

Nome do(a) entrevistado(a): _____.

Pesquisadora Roberta Stefani Halmenschlager: _____